

Há três anos apresentamos, aqui na *Revista Abril 7*, uma série de artigos que discutiam as relações coloniais e pós-coloniais presentes nas literaturas produzidas nos países africanos de língua portuguesa e em Portugal, buscando constituir novas formas de análise e compreensão de tais obras e autores. Ainda voltados à complexidade dessas relações e atentos à recorrência de determinados temas caros a esta estética pós-colonial, elegemos agora a experiência da infância, em suas múltiplas representações vistas a partir da relação colonial/pós-colonial, como o cerne das discussões apresentadas. A ambivalência do corpo infantil, que ora remete a uma retrospectiva ora a uma prospecção, acomoda diferentes faces do contemporâneo, unindo, de maneira nem sempre harmônica, elementos como tradição e modernidade, subalternidades e agenciamentos. As representações da criança e das relações afetivas e familiares, assim como a ausência destas, a perda, o luto, os traumas da experiência histórica da guerra, além de questões como imaginação, prazer estético e mercado são problematizados em tais análises a fim de observarmos o espaço social da infância como reflexão e alegoria da contemporaneidade.

Deste modo, o número se abre com o texto “Por uma literatura infantil portuguesa: Aquilino Ribeiro e Matilde Rosa Araújo”, no qual Luci Ruas discute a produção literária destinada ao público infantil dos dois autores apresentados no título, porém sem descuidar de uma primorosa recuperação de seus antecessores, dando-nos um breve e interessantíssimo panorama da literatura infantil portuguesa nos séculos XIX e XX. Ainda no espaço literário português, Rafael Santana nos apresenta, em “A grande sombra da infância”, a infância de Mário de Sá Carneiro, um tempo de liberdade, de sonho e, também, de luta contra uma realidade opressora e homogeneizante do homem. Seguindo este viés, voltado para as continuidades e/ou rupturas estabelecidas entre o conceito de infância e a contingência histórica a ele relacionada, Nazir Ahmed Can, Elizabeth Mendonça

e Julia Zuza, através de obras dos moçambicanos João Paulo Borges Coelho e Mia Couto, reiteram a possibilidade de uma visão da história a partir do olhar infantil, de uma singularidade expressa ora pela subjetivação dessa experiência ora pela objetivação imposta por múltiplas formas de dominação. Diferentes faces da obra do escritor angolano Ondjaki são tratadas, aqui, por Izabel Gomes dos Santos, Fernanda Coutinho e Marlúcia Nogueira do Nascimento e, também, por Bruno Cardoso. A memória da infância em tempos de guerra, revestida de lirismo e leveza, contribui para a ressignificação de elementos do cotidiano, através da desautomatização do olhar provocada pela visão infantil e pela linguagem poética do autor. Deslocamentos que geram novas correlações de poder, vistos também em “Vozes emudecidas: pode o subalterno falar? (Uma leitura do conto “Tio me dá só cem”, de João Melo)”, de Danuza Felipe de Lima e Jorge Vicente Valentim, uma análise atenta da precariedade e do abandono social que também integram a vasta gama de campos de força que ora atuam sobre o conceito de infância, assim como das diferentes perspectivas e filiações teóricas do termo pós-colonialismo. Fechando esse grupo e, de certa forma, ampliando a discussão até aqui empreendida, publicamos um artigo de Elena Brugioni em que, partindo da utilização não autorizada e equivocada de fotos de meninas guineenses em uma campanha de sensibilização contra as ações do grupo BokoHaram – campanha esta chamada #Bring-BackOurGirls –, discute determinadas práticas de representação do sujeito subalterno e o seu agenciamento, a complexa relação entre arte e realidade e, por extensão, a incômoda continuidade de um “estereótipo representacional” em obras pós-coloniais. Por fim, publicamos resenhas sobre três obras lançadas nos anos de 2013 e 2014, *No reino da água o rei do vinho. Submersão dionisíaca e transfiguração trágico-lírica d’Os Lusíadas*, de Luíza Nóbrega, apresentada por Martín López-Vega; *As águas livres*, de Teolinda Gersão, vista aqui por sete leitores; e a obra *Escuro*, de Ana Luísa Amaral, lida por Maria Irene Ramalho.

Apontamos, ainda, que o corpo ausente na capa de nosso número 13 da *Revista Abril* nos leva a refletir sobre a possibilidade de recuperação de um tempo infantil e, portanto, original, capaz de inaugurar um tempo novo, transformado; mas, também, nos alerta para as estereotípias e cristalizações de uma infância vitimizada perenemente. Ao trazeremos a imagem do brinquedo infantil vazio pretendemos propor reflexões críticas sobre a infância retratada nas obras literárias: são representações de sujeitos ou “brinquedos” da história?

Niterói, novembro de 2014

*Renata Flavia da Silva
Simone Pereira Schmidt*

Organizadoras